

HC inaugura serviço de

Inédito no Brasil, banco de tecido visa substituir o material lesado nas vítimas de tumores, acidentes automobilísticos e esportivos e nos casos de doenças degenerativas das articulações, entre outras

MARIA LÍGIA PAGENOTTO

Após anos de pesquisa, o Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP inaugurou o Banco de Tecidos de São Paulo, um serviço inédito no Brasil. Sob a responsabilidade do médico Otávio Teixeira, o projeto do banco, que pretende atender toda a América Latina, nasceu na universidade na década de 60, mas foi adiado por falta de tecnologia adequada para o seu desenvolvimento.

O banco de tecidos, segundo Teixeira, tem como finalidade principal fornecer ossos e tecidos do sistema músculo-esquelético (articulações, cartilagens, tendões e meniscos) para pessoas vítimas de tumores, de acidentes automobilísticos e esportivos (traumas e rompimento de ligamentos, por exemplo) e de doenças degenerativas das articulações, entre outras.

Quando implantados, os enxertos ósseos desempenham funções de osteocondução (atraem células ósseas para o seu interior, permitindo que elas se desenvolvam), osteoindução (induzem a formação dos ossos) ou de substituição direta do órgão lesado. Em processos típicos do envelhecimento, os enxertos podem atuar como reforço de ossos naturais em processo de degeneração, em áreas frequentemente afetadas, como joelho, quadril e cabeça do úmero (próximo ao ombro).

Segundo Teixeira, o banco opera de acordo com os mesmos critérios utilizados na captação de outros órgãos comumente utilizados para transplante, como coração, fígado,

rins e córneas. "A Central de Captação de Órgãos da Secretaria Estadual de Saúde nos comunica assim que surge um doador em potencial — sempre um indivíduo que tenha sofrido morte cerebral", explica. "Conversamos com a família da pessoa, avaliamos a condição de saúde do doente e, conforme os fatos, procedemos com a retirada dos ossos", explica o médico.

O processo de remoção, de acordo com Teixeira, assemelha-se ao procedimento de implantação do órgão no receptor. "O cadáver é totalmente

reconstituído", garante. "Não existe o mínimo risco de ele ser entregue à família mutilado." A falta de doadores, por esse receio, tem sido até agora um dos principais entraves encontrados pela equipe que dirige o banco de tecidos. "Acho que falta informação, as pessoas imaginam que o corpo de seu parente será desrespeitado e se recusam a

fazer a doação", afirma o médico.

Uma vez retirado, o osso passa por um sofisticado processo de preparação, até ser enxertado. Por precaução, Teixeira explica que, ao ser retirado de um doador, o órgão fica até seis meses armazenado. "Esse é o tempo que temos para acompanhar se o receptor que recebeu os outros órgãos não apresentou resultado positivo para nenhum tipo de doença contagiosa", alega. Preservados, os ossos guardam suas propriedades por até cinco anos e, ao contrário dos outros órgãos, que servem a um só receptor, poderão beneficiar várias pessoas. Além disso, explica Teixeira, sua utilização é relativamente simples, apesar de seu sofisticado processo de preparação.

PROJETO
NASCEU NOS
ANOS 60, MAS
FOI ADIADO
POR FALTA DE
TECNOLOGIA
ADEQUADA

transplante de ossos